



BACH: VARIAÇÕES GOLDBERG

Angela Hewitt

Gulbenkian, Lisboa, dia 13

Para presenciar a interpretação das “Variações Goldberg” BWV 988 de Angela Hewitt (Otava, 1958), uma revoada de ‘goldbergófilos’ compareceu no auditório esgotado desde há meses. À entrada do recinto reinava uma atmosfera de excitação, falando-se animadamente de escolha de instrumentos modernos e versões favoritas, umas míticas como as séries do seu compatriota Gould, outras muito antigas (Yudina), outras disponíveis (Serkin, Nikolaeva, Tureck, Kempff, Perahia, Schiff, Hewitt) e uma recente de Beatrice Rana. O público sabe da existência de uma multitude de possíveis na interpretação das “Goldberg”, uma peça paradigmática que Bach publicou em 1741, uma obra a exigir que nos desenvencilhemos de todas as escórias do dogmatismo quanto a interpretações, aceitando-se o princípio de Heraclito segundo o qual as águas do rio e o próprio banhista estão em perpétua mudança, de tal forma que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio de maneira idêntica. A pianista canadiana pisou o palco lisboeta com um passo vigoroso, nuns delicados sapatinhos de seda dourada e envergando um vestido com corpete de lantejoulas que faiscaram ao longo dos 90 minutos da sua exibição. Mas o que cintilou sobremaneira foi a qualidade poética da sua interpretação, nos antípodas das gravações de Gould. Com o sentido das frases longas perfeitamente dominado nas fugas, na leitura fortemente contrastada de tempos lentos em variações como a 9, 13 ou a 15 e de tempos vertiginosos das variações 4 e 17, ou ainda expondo uma dimensão de tempo suspenso na nº 25, a longa meditação da ‘pérola negra’ das “Variações Goldberg”, Hewitt cometeu a proeza de fazer sobressair todo o requinte da rede que se entretence entre a escuta e a estruturação das “Goldberg”, pela forma como modelou a arquitetónica do conjunto. A sua clareza contrapontística, o sentido de animação e de dança, a variedade dos fraseados, a forma como equilibrou as várias ‘vozes’ das variações, em exploração incessante das inesgotáveis facetas de uma obra que Hewitt transformou num dos seus *morceaux de bravoure*, fez com que a assistência se levantasse impetuosamente para a aplaudir no final do recital, entregando-se sem reservas ao sortilégio, inteligência e musicalidade da sua leitura. / ANA ROCHA